

Entre a vida e a escrita: entrevista com Silviano Santiago

Rodrigo Felipe Veloso
Unimontes

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2025.e101015>

(...)
*a morte não alimenta
terra vermes plantas.
a morte não congrega
nem se distribui
caridosa sábia conselheira
a morte em si mesmada
não movimenta a matéria des-
mente
a lei de Lavoisier
a morte assassina não
podemos compartilhar, ainda
– não compartilhamos todos
um dia?*

(Poema: “No túmulo apedrejado da menina: epitáfio seu nosso”
– Silviano Santiago)

Fig. 1



Fonte: Cláudio Nadalim, 2016.

SILVIANO SANTIAGO nasceu em Formiga (MG), em 1936. Sua vasta obra inclui romances, contos, ensaios literários e culturais. Doutor em letras pela Sorbonne, Silviano começou a carreira lecionando nas melhores universidades norte-americanas. Transferiu-se posteriormente para a PUC-Rio e é, hoje, professor emérito da UFF. Foi cinco vezes premiado com o Jabuti. Pelo conjunto da produção literária, ganhou o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, e o José Donoso, do Chile. Recebeu do governo francês a distinção de Officier dans l'Ordre des Arts et Lettres e Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques. Ganhou o prêmio Camões de 2022. Seus livros estão traduzidos em várias línguas. Silviano vive hoje no Rio de Janeiro.

Nesta entrevista, Silviano Santiago conversa sobre sua produção crítica e literária, bem como sobre fatos de seu passado, de sua carreira como docente e da recepção crítica de suas obras.

Rodrigo: Como a leitura esteve presente na sua infância? E como, na vida adulta, a leitura e a escrita o permitiram acessar lugares que, para muitos de nós, brasileiros, seriam inalcançáveis?

Silviano: É importante realçar minha idade atual, 87 anos, a fim de que as informações que se seguem ganhem a necessária perspectiva. Nasci e vivi em Formiga, interior de Minas Gerais, até os onze anos de idade, transferindo-me, em 1948, para Belo Horizonte com a família. A infância termina com essa viagem, pois o choque da mudança resulta em ligeira desclassificação social da família (somos onze irmãs e irmãos na capital do Estado, onde se paga para tudo, do ônibus e bonde ao cafezinho), despertando-me para pequenos problemas do dia a dia, a que se junta o fato de começar a ajudar, aos 12 anos, no comércio do meu pai: venda de artigos dentários. Menino, no interior de Minas, tenho a curiosidade intelectual menos despertada

pela vida em família (perco minha mãe com um ano e meio de idade) ou no curso primário na Escola Normal, onde ensina minha madrastra, e mais por gostar de assistir filmes no cinema da esquina e de ler os gibis da época. No período, filmes e gibis são de certa forma monocórdicos. Tratam todos da Segunda Grande Guerra. Atualizo, por assim dizer, o poema “Infância”, de Carlos Drummond. Permaneço nos quadrinhos, acrescento o cinema e substituo as aventuras marítimas de Robinson Crusoé pela guerra entre aliados e nazistas lá na Europa. É pelo viés universal da imagem desenhada ou em movimento que descubro (ou desconheço, dependente da perspectiva) a vida provinciana. Acrescento um fato concreto: um dos meus primos, mais velho, claro, se alista e se torna expedicionário das forças brasileiras na Itália. Acho até natural que minha primeira viagem ao estrangeiro, a Paris, para o doutorado na Sorbonne, coincida com a guerra da Argélia. Ela me fez descobrir o Brasil profundo que desconhecia, apesar de ser mineiro. O período colonial brasileiro era recalcado até nas escolas. Parecia que o Brasil tinha sido descoberto no século XVIII. Adentro-me pelas guerras coloniais na África com a experiência visual das guerras contra o nazismo na Europa e, então, que leio a Carta de Pero Vaz de Caminha. Começo a entender minimamente como serei escritor brasileiro.

Rodrigo: No prefácio intitulado “Diante da porta aberta” presente no romance *Stella Manhattan*, você menciona que: “Velhice e infância são inseparáveis – disse-nos Machado de Assis. Basta atar as duas pontas da vida para desdobrar Dom Casmurro em Bentinho e escrever a solidão amorosa que estoura no romance *Machado* (ou em *Mil rosas roubadas*). Difícil é conciliar velhice e idade da razão. Expulso do núcleo vital da experiência pelo peso dos anos, você entra escarrado na idade em que a voz da Morte desfia a contagem regressiva. Da desarmonia entre juventude e velhice, origina-se um objeto abjeto, ao mesmo tempo colorido, brincalhão e derrisório [...]” (Santiago, 2017, p. 9-10). Nesse sentido, como o senhor reflete sua condição de vida

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

pensando nessa formação do indivíduo inserido no contexto sociocultural e literário? Em que ponto a arte comunica-se com seu lado introspectivo e, por outro lado, como a arte desperta no senhor novas composições?

Silviano: Do ponto de vista da infância irmanada à morte é que foco na idade em que vida e morte são irreconciliáveis: a idade da razão. Ela parece ser uma bolha, independente, solta no ar, mas como que esculpida em cimento armado. É um momento da existência humana sólido e atrevido, também audacioso. O escritor é artista, intelectual e crítico. Ao mesmo tempo, em toda e qualquer penada. Como que desvinculado de tudo o que é superfície e prazer na infância, lembrança e reflexão na velhice. É da razão a idade, mas é desembestada a imaginação nessa idade. O escritor se comunica com tudo e todos e com nada e com ninguém. Insisto na imagem da “bolha”. Acredita-se, se metido numa camisa de onze varas, prisioneiro da cultura e da arte, de que deve se libertar pelo trabalho da escrita não-convencional, singular, pessoal, íntima. Escrita liberadora da angústia do viver e da criação. Essa idade tem datas precisas. Em poesia, *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Em ensaio: *Uma literatura nos trópicos*. Em ficção: *Em liberdade*. Tem o ápice num romance quase ilegível, *Viagem ao México*, e num conjunto de ensaios, *O cosmopolitismo do pobre*. Envelhece, isto é, tem a crença de que os tempos que vive e o próprio saber adquirido tem lá a sua importância. Pensem no *Menino sem passado* e no livro que tento escrever na forma de folhetins, *O grande relógio – a que hora o mundo recomeça*.

Rodrigo: Pensando na concepção da morte do autor teorizada por Roland Barthes em *O rumor da língua*, como analisa tal concepção na produção escrita de seus textos críticos e literários?

Silviano: Talvez uma visão particular da morte (do autor) se imponha no meu caso, embora admire muito Roland Barthes. Prefiro explorá-la, em atitude egoísta, espero que perdoável numa entrevista *à bâtons rompus*.

Toda a ideia de morte, no meu caso, existe como a realidade de um buraco misterioso e insondável. Tem origem concreta, a perda prematura da minha mãe, e a sua substituição por várias figuras maternas, adoradas a princípios e que, posteriormente, me causam decepção. Um buraco que não é passível de ser preenchido. Nesse sentido, a morte, realidade e ideia, é que me conduz à plenitude da vida. Pesa na minha experiência de vida e em tudo que escrevo e, se tiver ainda forças, escreverei. Quando a minha própria morte se aproxima é que me aproximo do buraco da morte. Foi tateando a escrita que me aproximo. A novela *De cócoras* e o livro de poemas *Cheiro forte* são bom exemplo de tateio. O romance *Machado* beira o acerto de contas com ela. É o inverso do “romance de formação”, tipo *Retrato do artista quando jovem*, de Joyce. É a outra ponta. Ele é o retrato do artista quando velho. Não acredito que se aprende a morrer, mas acredito que se aprende algo quando se vê um ser extraordinário a morrer, e mais se aprende ao se descrever esses momentos da vida com uma grafia rigorosa e forte, que se assemelha à grafia da sua própria vida. A morte é a penca de bananas que apodrece numa fruteira. Joga no lixo, digo eu, joga para os vermes, diz Machado.

Rodrigo: Em alguns romances (*Em liberdade* e *Machado*, por exemplo) os nomes das personagens (Graciliano Ramos e Machado de Assis, dentre outros) e histórias se mesclam com a de autores brasileiros considerados canônicos. Como surgiu essa proposta e como tais autores o influenciaram nessa composição do texto literário?

Silviano: Não gosto da palavra influência, lamento. Talvez saiba que prefiro o verbo *hospedar*, que foca igualitariamente uma criação e a outra. Há obras que são de tal modo generosas, que nos servem de hospedarias no longo e inesgotável caminho das leituras que fazemos. Nomeou dois grandes hospedeiros, ou seja, responsáveis por hospedarias em que passo longas temporadas de descanso e de trabalho. Durante essas longas temporadas, algo se sedimenta em mim. Não sei bem o que seja, ou talvez saiba mas levaria

horas para lhe dar uma configuração minimamente exata. Essa sedimentação vira um alicerce na hora em que decido escrever a partir dele. Pode ser um alicerce que impõe um traçado ao prédio que deve ser construído a partir dele, de modo que sou obrigado a fazer um pastiche. Escrever um diário que teria sido do responsável pela sedimentação, mas que, na verdade, é bem meu. Nelson Motta, na época em que o romance foi publicado, deu um título que agrada ao Eu do diário falso: Graciliano. Graça é o alicerce e Silviano é o arquiteto. A construção é feita da sedimentação de palavras e de ideias, de estilo alheio, numa só palavra em mim. Esse raciocínio se prolonga diferente nos demais livros que menciona. Pena que se esqueça do mais generoso, mas também mais terrível e mais perverso, de todos os hospedeiros, Antonin Artaud. A passagem pela hospedaria dele se escreve no romance *Viagem ao México*.

Rodrigo: Existem traços da mineiridade em suas obras? A linguagem empregada pelas personagens, por exemplo, revela tal intento?

Silviano: Acho que não há traços evidentes. Mas já deve ter percebido que não gosto muito de ficar conversando com o meu inconsciente. Em geral, eu deixo que ele se expresse livremente, sem censura e sem barreiras. Em tudo que se assina. Sendo também professor e crítico, aprendi a ter um olhar mais consciente da forma que do conteúdo, para usar a dicotomia clássica, que não me agrada, mas ajuda. Acredito que a nossa melhor contribuição à Literatura nunca é pelo conteúdo. Desde o século XVIII, estamos oferecendo ao estrangeiro apenas conteúdo, ou seja, o que chamo de *wilderness* em *A genealogia da ferocidade*. O conteúdo acaba sendo sempre farsesco, “macumba pra turista”, como disse Oswald de Andrade. O que pode ser contribuição genuinamente nossa é pegar a forma tal qual ela nos foi imposta pela colonização europeia e dela fazer algo que realmente nos represente na condição de trabalho de segunda mão. Em prosa, as grandes obras brasileiras são aquelas que inauguram uma forma na literatura

comparada eurocêntrica. Machado é o primeiro. Mário e Oswald podem ser o segundo. O terceiro é Graciliano e o quarto, são de novo dois: Clarice e Guimarães Rosa. Seis belos exemplos de “inventores” brasileiros, para usar a categoria de que se vale Pound em *ABC of Reading*.

Rodrigo: A pandemia despertou no senhor novas conexões e novas possibilidades de escrever sobre a efemeridade da vida? Como reflete a condição de se viver no presente, em especial na sociedade transformada pela pandemia?

Silviano: A pandemia avacalhou tudo, mas construiu também – a que preço! – alguma coisa. Por vocação já sou solitário, mas me tornei eunuco. Convenhamos que se trata dos últimos anos de uma vida em nada recomendáveis. Esqueçamos a vida. Foi positiva no batuque do teclado do computador. Nada a fazer, tornei-me um trabalhador compulsivo. Não tinha a minha biblioteca em casa (tinha mudado de apto pouco antes da pandemia). Aproveitei as fichas de leituras e anotações de livros clássicos da literatura que tinha. E, além da papelada velha, do professor que planeja toda aula, tinha lembranças do passado em polvorosa. Visitar o passado na falta de vida no presente não deixa de ser um *divertissement* (Pascal) legal, que oscila entre o brinquedo com a memória e a depressão maior no cotidiano. Nos limites dos metros quadrados em que vivia, escrevi *Fisiologia da composição* e *Menino sem passado*. No momento em que fui dedicar-me ao volume seguinte do *Menino*, o da juventude belo-horizontina, cheguei a escrever páginas e páginas e todas me pareciam pífias. Descobri o óbvio. Depois das vacinas contra o covid, o exigido e escandalosamente importante era o presente. Ridículo voltar-se para o passado. Adeus, memórias. Meu consolo foi descobrir que o ensaio literário me salvaria. Não tinha biblioteca à mão, mas ainda tinha as notas. Bolei então fazer uma leitura contrastiva entre Machado e Proust. É o que estou fazendo, ao mesmo tempo em que tento trazer a biblioteca para mais perto de onde moro.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

Rodrigo: Como avalia o contexto social, político e literário no Brasil na pós-colonialidade?

Silviano: Pede-me um ensaio. Ofereço-lhe uma informação. Tardiamente, muito tardiamente, estamos querendo acertar (não vou além: querendo acertar) o relógio da história nacional. Se a gente se volta ao Marquês de Pombal e à chegada de D. João VI, vamos percebendo como a autonomia gradativa da colônia vai sendo conseguida com o recalque das duas principais formas de rebeldia colonial (a indígena e a escravizada) em favor de um exclusivismo bragantino que se manifesta por tomadas eurocêntricas radicais. Uma só língua, a portuguesa, uma só religião, a católica, uma só etnia hegemônica, a branca, um só regime familiar, o patriarcado. O exclusivismo eurocêntrico só vem a ser trabalhado por quem de direito e com a força necessária nas primeiras décadas do segundo milênio. Por algumas décadas, teremos de nos dedicar à arte da escuta. É uma outra história nacional, plural e diversificada, que começa a ser escrita e pensada por todas e por todos, a esmiuçar passado/presente/futuro dos quatro planos levantados: língua, religião, etnia e patriarcado. Não é ainda possível uma avaliação, como me pede. Ofereço uma informação.

Rodrigo: Segundo Octavio Paz em seu texto “A consagração do instante”, presente no livro intitulado *Signos em rotação*, o poeta consagra sempre uma experiência histórica, sendo pessoal e/ou social, bem como o poema é sempre uma obra inacabada, disposta recorrentemente a ser completada e vivida por um leitor novo. Nesse sentido, como constrói sua produção escrita literária, seja ela em prosa e ou texto poético e, além disso, como o leitor participa desse processo criativo?

Silviano: Na medida do possível e do atrevimento, tento criar algumas categorias que visam a recobrir o que você descreve com a ajuda do pensamento crítico de Octavio Paz, que muito admiro. No tocante

à questão da consagração do instante, tenho me valido do conceito dos gregos de tempo, *aion*, que se encontra bem definido por Gilles Deleuze, na *Lógica do sentido* (*La logique du sens*). Diz ele que, com essa noção, os gregos demonstravam como o passado e o futuro insistem ou subsistem no tempo presente. Em lugar de acreditar num presente que reabsorve o passado e alimenta o futuro para significar como dimensão totalitária e solitariamente, os gregos instituíram uma reflexão sobre o tempo em que o futuro e o passado, a cada instante do presente, o dividem e o atomizam. Atomizam-no a fim de que o eterno presente do acontecimento passe por um processo infinito de subdivisões em direções opostas, ao passado e ao futuro. Essa noção acronológica e simultânea das três dimensões do tempo é que alicerça a criação e a leitura *desconstrutora* do soberano presente na literatura e na crítica que escrevo e nas aulas que dei. A dimensão do presente tem sido o momento único e solitário, único e jornalístico, privilegiado para a observação do fato e para a análise do fato socioeconômico e político. As artes em geral requerem uma compreensão de tempo pelo *aion*. Em relação ao meu leitor, já me referi à teoria da *hospedagem*. Tento escrever trabalhos bastante generosos, que não são direcionados a esse ou àquele leitor, mas a todo e qualquer um que se interesse pelo meu convite de hospedeiro a se hospedar em algum livro meu. Espero que, durante a estada, ele chegue a deixar *sedimentar* em seu saber algo que não posso adivinhar o que seja, que pertence a ele, e que possivelmente o ajudará na sua própria performance criativa ou crítica.

Rodrigo: Em tempos modernos, ainda surgem movimentações antissemitas e também a presença de grupos neonazistas pelo mundo. Por que isso ainda ocorre, uma vez que o Holocausto revelou as atrocidades e a perversidade humana? E no Brasil, como as *fake news* ressignificam esses grupos de ódio?

Silviano: Tento juntar algumas das curiosidades sobre a minha pessoa e obra, que não cheguei a tratar, nesta divagação. Se não me engano, a pergunta que me faz indaga sobre o motivo para o mal dominar nas relações entre as nações ditas civilizadas do planeta, acarretando a violência da guerra ou o ultraje humano que representa o Holocausto. Não sei se esse é lugar para a divagação sobre questão tão fundamental e tão complexa. Gostaria de lhe dizer – e é apenas uma migalha sobre o que pergunta – que essa condição do humano me afeta na própria formação que busquei e na realização de um conjunto de livros. No plano pessoal, portanto, sinto ojeriza pela ideia de competitividade. Isso não quer dizer que não tenha competido para ganhar bolsa de estudos francesa, ou posto de trabalhos nos Estados Unidos e Europa e no Brasil. Significa que não...

Referências

SANTIAGO, Silviano. *Stella Manhattan*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Submissão: 10/07/2024
Aceite: 26/04/2025

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2025.e101015>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*